

## INDISCIPLINA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A COMPLEXIDADE DA ORDEM E DA DESORDEM NA ESCOLA CONTEMPORÂNEA

Antonio Luiz da Silva

**RESUMO:** Neste artigo, minhas observações se dirigem para a questão da indisciplina escolar, reconhecendo-a como fenômeno social preocupante. Acredito que a indisciplina, embora aqui vista somente no âmbito escolar, se insere num modelo de construção cultural contemporâneo que desprivilegia e questiona todo e qualquer paradigma de ordens estabelecidas. Entendo que as crianças e os adolescentes, através de atos indisciplinados, de forma ativa ou passiva, se rebelam ou resistem contra muitos dos saberes institucionais ministrados. Tomo o referencial teórico da complexidade de E. Morin, reconhecendo que no caos e na desordem existem possibilidades de crescimentos que revelam aspectos positivos aproveitáveis. Penso que a indisciplina, interpretada a partir de sua complexidade, aponta para a novidade, e sua aceitação depende da abertura intelectual de quem assume a condução do processo educativo.

**Palavras-Chaves:** Ordem, desordem, complexidade, indisciplina, escola.

### 1 INTRODUÇÃO:

Recentemente, uma professora estrangeira, visitando nosso país teve a experiência de ministrar um curso de seu idioma em uma das escolas públicas de João Pessoa e ficou estarecida com o comportamento de crianças que se levantavam desordenadamente, que não estava interessadas naquilo que a professora estava escrevendo no quadro, que aproveitava cada momento para causar alvoroço na sala de aula. Ela depois da descrição que me fez, concluir: aquilo era impossível na França.

Em que pese a observação de uma professora estrangeira, depois de muitos anos vivendo e acompanhando a educação, sou obrigado a reconhecer que a indisciplina, enquanto fenômeno educacional contemporâneo, é um problema sério que traz preocupação a uma gama considerável de educadores responsáveis pela educação de crianças e jovens neste país.

É claro que a educação tem inumeráveis problemas, alguns de solução mais fácil e outros nem tanto. A indisciplina, se pensada seriamente, é um problema solucionável e não chega a ser, se quer, o maior problema da estrutura escolar.

A indisciplina escolar tem sido, muitas vezes, confundida com a violência. Ela também aparece assim, mas, a violência escolar não é a única forma de

manifestação da indisciplina. Aqui é importante destacar que, em alguns momentos, o comportamento indisciplinado do ser humano pode se manifestar na apatia, no atraso escolar, na indiferença a conteúdos curriculares, na evasão, na resistência silenciosa, na displicência no uso dos materiais escolares, na baderna em sala de aula, no matar aula, na prática da colagem ou das muitas formas de fila na hora da prova etc.

A indisciplina, do modo como se apresenta no ambiente escolar, se insere naquele modelo de construção cultural que desprivilegia e questiona todos os paradigmas de ordens estabelecidos para o controle das pessoas em nossa sociedade contemporânea. O aluno indisciplinado está formulando um pedido que precisa ser contemplado.

Mostrarei neste trabalho que o antigo modelo de controle das produções subjetivas humanas, ao menos em certo sentido, está acabando. Mas o novo modelo que se organizará a partir da indisciplina, no espaço escolar, não estacionará no caos e na desordem permanentes, ele estabelecerá, talvez em definitivo, um equilíbrio permanentemente cambiante. Assim, a relação ordem/desordem exigirá desinstalação, diálogo, negociação entre os diferentes atores envolvidos na instituição escolar, de modo a suplantar todo e qualquer ranço autoritário. Desde logo, reconheço que a indisciplina, interpretada a partir de sua complexidade, aponta para uma novidade, e sua aceitação vai depender da abertura intelectual de quem assume a condução das instituições sociais responsáveis por processos educativos. Adoto aqui a noção de complexidade de Edgar Morin para lançar luzes nessa problemática.

## **2 A INDISCIPLINA EM SUA INTERFACE COMPLEXA ENTRE A ORDEM E A DESORDEM**

A indisciplina escolar, como a entendo, representa aquele comportamento humano, infanto-juvenil, calcada na não aceitação e no não reconhecimento da ordem estabelecida nos espaços institucionalizados da escola. Nesse sentido, a principal manifestação da indisciplina é a desordem.

De fato, a noção de desordem e suas conseqüências imediatas instauram uma preocupação gigantesca para quem se dedica a pensar, cientificamente, as

instituições da sociedade contemporânea. Nós, homens e mulheres adultos de hoje, fomos educados numa tradição animada por diversas formas de autoritarismos pedagógicos, os quais serviam de modelo às diversas práticas de ensino, escolares ou sociais (FREIRE, 1994). É bem verdade que somos frutos de uma tradição que exigia a eliminação de qualquer raio suspeito de interferência na ordem. Muitos de nós, hoje educadores graduados, sobrevivemos à ditadura militar brasileira ou temos sensível conhecimento dela pelo que ouvimos ou lemos da história. Para muitos, “positivistamente” formados, a ordem era sinônimo de progresso e o caos e a desordem representavam uma certa involução cultural, um retorno a uma mítica barbárie societal.

A indisciplina apreze em cena como um fenômeno completamente contrário à ordem, desdizendo tudo aquilo que as disciplinas tentaram estabelecer: a ordem. É nesse sentido que entendemos a expressão de E. MORIN (2002b, p. 214): “A mente humana é impotente diante de um fenômeno desordenado”. E é justamente isso que sentimos ao nos defrontarmos com o caos social em que vivemos, seja ele político, às vezes econômico, cultural ou sempre nas áreas do social.

A pós-modernidade, que coincide teoricamente com o período contemporâneo da história humana, como os diversos pensadores têm mostrado, questionou tudo o que estava arrumando, colocou tudo de ponta a cabeça, mostrando toda sujeira que escondíamos debaixo do tapete, sob o pretexto de um mundo ordenado, coerente e reto. Esse fato fez com que a sociedade mundial entrasse numa crise profunda (GANDIN, 2004). A crítica contemporânea complexa colocou a sociedade diante de seu próprio espelho e fez com que ela se auto-enxergasse.

Acabou-se a ordem, pelo menos aquela ordem autoritária que achávamos existir e que, por certo, nunca existiu e que forçosamente colocava todo mundo dentro do mesmo pacote, numa existência às custas de muito sofrimento humano, de muita opressão psicológica e física. Vejamos por exemplo a luta dos grupos ditos minoritários, negros, mulheres, homossexuais, jovens, pessoas com deficiência, crianças etc.

A ordem imutável das coisas se acabou de vez e para sempre. Aliás, há bastante tempo os pensadores vêm admitindo a existência de fenômenos não alinhados dentro das sociedades estruturadas. Como diz TURNER, (1974, p. 153):

“O conceito de conflito passou a relacionar-se com o conceito de estrutura social (...)”. Em nosso tempo, os povos todos que viviam sob regimes autoritários começaram a se rebelar de uma ponta a outra do globo, causando certa surpresa aos analistas políticos contemporâneos e aos próprios ditadores, resistindo às expensas de suas próprias vidas. Os que querem usar de eufemismo falam de quebra ou mudança de paradigmas. Aqueles que aderem a uma língua sem poesia, afirmam categóricos: a ordem acabou-se.

O fato de a ordem ter de vez se acabado acarreta duas percepções possíveis. Uma delas soa extremamente negativa. Muitos, em diversos lugares, estão se perguntando, o que esse caos trará de bom? Está claro, ao desajeitar a sociedade, os modos de subjetivação contemporâneos perderam a sua territorialidade (GUATTARI & ROLNIK, 2000), de modo que não apenas “alguma coisa está fora da nova ordem mundial”, mas a nova ordem mundial revela-se caótica e instavelmente cambiante. Aliás, como mostrou IANNI (1997) a sociedade mundial está desterritorializada, toda inteira fora de seus territórios demarcados, inclusive com alteração em sua geografia física e política.

Certamente, se conseguíssemos olhar a realidade que cerca o planeta, no que tangem à sua nova ordenação ou à sua desordem, com olhos mais complacentes, a desordem e o caos social contemporâneos não deveriam ser problemas, a desordem não precisaria ser considerada de todo má.

E, sem sombras de dúvidas, a desordem, dependendo de como é visualizada, tem, de certa forma, sua positividade. GUATTARI (1998b, p.102-103) afirmou que “uma determinada modalidade de desarticulação caótica (...) está sempre na raiz de um mundo”. Nós todos crescemos crendo na idéia religiosa de que o mundo surgiu do caos, é assim que a bíblia o narra e é também assim que a teoria da explosão cósmica origina o universo. Por que com a sociedade, com a vida, com as instituições sociais deveria ser diferente?

Bom, já deixei claro que não discordo totalmente da desordem. Disse ainda na introdução que nesse trabalho faríamos uso da noção de ordem e desordem de E. Morin. Assim sendo, é minha intenção mostrar a aplicabilidade da noção de ordem e de desordem ao comportamento indisciplinado, caótico e desordenado infanto-juvenil contemporâneo. Ao mesmo tempo sugerirei que se considere a desordem, transformada em indisciplina, na sala de aula, e nos demais ambientes

infanto-juvenis, em sua positividade. Tomarei, a grosso modo, a expressão indisciplina, como sinônimo de desordem escolar infanto-juvenil e disciplina com equivalente à ordem e à organização. Deixarei de lado os muitos sentidos que estas expressões evocam, utilizando-as como uma grande metáforas. Chamarei a atenção para o fato de que tanto a desordem quanto a ordem apontam para a organização, mas nunca uma organização estática. E acredito que tanto a ordem quanto a desordem podem ser lida a partir de um posicionamento dialético.

### **3 VIVEMOS TODOS NUMA SOCIEDADE E NUM MUNDO INDISCIPLINADOS**

Edgar MORIN, (2002b, p 200) diz o seguinte: “(...) é certo que a desordem não substitui totalmente a ordem no universo, mas já não existe nenhum setor que não haja desordem”. Isso vale, sem dúvida, para uma análise mais apurada da sociedade, da educação, da política, da religiosidade e das organizações sociais de um modo geral. Vale para uma leitura da vida. Aliás, é comum se acreditar que a vida se desenvolve e se faz criativa, produtiva dentro do caos, sem dúvida.

No Brasil, esta situação de desordem, que, por falta de um nome mais apropriado, chamaremos de crise, está expressa em todos os lugares. Na política nacional os vexames e os comportamentos sem ética reinam. Assim, homens públicos são pegos com dinheiro na cueca, envolvem-se com mensalão, dossiês, contas fraudulentas, propinas, máfia das ambulâncias, etc. Chefes de partidos, ministros de estado despencam de seu poderio com a mesma simplicidade como se leva uma topada na rua. Na religião nem sempre o tom muda. Nessa esteira de coisas, líderes religiosos são pegos em escândalos financeiros, em lavagens de dinheiro no exterior, em desvios de condutas, em atos sexuais envolvendo práticas pedofílicas, e até sob acusação de assassinatos. No mundo artístico a crise ganha contornos midiáticos. Aparece uma modelo que resolve transar em qualquer lugar; um ator acaba sendo pego com um pacote de maconha; uma cantora morre de uma overdose de cocaína. No mundo dos esportes as pessoas não estão salvas de escândalos. Um atleta pode muito bem se submeter a tratamentos para desintoxicação, após ter sido em diversas ocasiões, preso por tráfico ou porte de drogas, quando não acaba condenado por porte ilegal de passaporte no exterior. Muitos são pegos na prostituição, comprando travestis. Alguns espancam suas

namoradas ou mesmo chegam a matá-las. Muitos negam-se a assumir responsabilidades paternas etc.

Se formos olhar direito, a indisciplina social aumentou consideravelmente. O bandido não está somente na periferia, como se imaginava antigamente; mas pode ser o bom vizinho que saca de um revólver e vai matar uma pessoa para roubar alguns trocados. A polícia, bom essa ninguém sabe mais para qual lado serve. Ela caça o bandido e o bandido atira nela, quando não a corrompe. O PCC e o Comando Vermelho mandam nas grandes capitais, dando de quando em vez um salve geral. Os chefes de quadrilhas determinam incêndios a transportes coletivos ou ataques a postos policiais, mesmo estando trancado em presídios de segurança máxima. As autoridades constituídas não conseguem mais responder satisfatoriamente às demandas. As políticas sociais não surtem o efeito esperado em tempo hábil. O desemprego hora diminui e hora cresce até doer na alma, ao lado da grande massa sobrando de desqualificados pra funções simples e para funções sofisticadas.

É claro que estamos espantados com a desordem no Brasil, a partir de tudo aquilo que nos tem mostrado a televisão, mas é bom saber que isso não é novo. Desde os primórdios, o ajuntamento humano que deu origem ao que estamos chamamos sociedade brasileira contemporânea não foi dos melhores. Um monte de fora da lei veio pra cá degredado de Portugal, isso incluía bandidos, corsários, presos políticos, gente ambiciosa, assassinos, bajuladores políticos, toda essa gente foi mandada pra cá para invadir, pilhar, roubar, saquear a riqueza nativa (ARAÚJO, 1997). Da África, vários grupos lingüísticos distintos foram trazidos, à força, para aqui serem subjugados como gente sem alma. Aliás, histórias de estupros de mulheres índias por homens brancos, sob o rotulo que mulheres pegas a dentes de cachorro ou raptadas, todas as boas famílias nacionais as têm. Darci RIBEIRO (2004) nos mostrou que somos constituídos a partir do desprezo do branco que não aceitava o mestiço, do negro que não combinava em nada com o branco e do índio que não achava muito bom ter um filho misturado. Desse auto-desprezo nasceu uma raça inclassificável, que, por falta de nome, na desordem da história, foi batizada de nação brasileira.

No mundo do comercio nunca se pirateou tanto! Todos sabemos da existência das leis rígidas. Mas toda faculdade tem um copiadora de plantão para

copiar um livro todinho. Em qualquer computador se pode instalar um leitor de DVDs. Direitos autorais? Não existem.

A crise da sociedade em que vivemos é uma crise séria e profunda e precisa ser analisada em sua complexidade. Ela envolve valores morais, familiares, espirituais, sociais, políticos, econômicos, ecológicos. F. GUATTARI (1998a, p 23) afirmou que “as relações da humanidade com o socius, com a psique e com a natureza tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais (...)”. Portanto, estamos vivendo uma crise estrutural. Por mais que se queira, não é mais possível estancar o atual estado de coisas. O caos governa.

Essa crise também se expressa na ausência total de sentido existencial. Os estudiosos do campo subjetivo estão cada vez mais surpresos com o índice alarmante de suicídios entre adolescentes (CASSORLA 1998). Viver pra que? Ser honesto pra que? Se matar em cima de livros para conseguir um lugar na faculdade, pra que? Trabalhar pra que? Preocupar-se com religião, com o social, com a política, com a natureza, pra que? Estudar pra que? Qual é ainda o sentido da escola? Qual é o sentido da vida? Ao analisar as convulsões contemporâneas e suas implicações para a produção da subjetividade, F. GUATTARI (1998b, p. 23) diz que “a desvalorização do sentido da vida provoca o esfacelamento da imagem do eu: suas representações tornam-se confusas, contraditórias”. E essa é uma imagem representativa do momento atual. Temos, de certa forma, uma geração em profunda confusão, que tem, de qualquer forma, um saber, mas não sabe muito bem o que fazer com ele e às vezes nem sabe expressá-lo muito bem.

De fato, a sociedade está em desordem permanentemente. Ela é a grande indisciplinada. Sempre esteve e sempre foi. Se olharmos ao nosso redor, mesmo em nossas micro-relações, vamos ver pessoas que desrespeitam a fila nos bancos, que empurram pessoas idosas, que não dão lugares a mulheres grávidas, que não revelam o menor gesto de solidariedade. Muitos comerciantes não pagam seus impostos e não dão nota fiscal e, como consumidor, nós também não a pedimos. Pessoas dirigem sem autorização legal. Cinco pessoas montam-se numa moto, isso sem a menor proteção. O vizinho liga o som numa altura que ninguém consegue mais fazer nada, nem dormir. Os donos de bares, mesmo sendo advertido pelo Conselho Tutelar, vendem bebidas e tabacos a menores. Casas de prostituição aceitam adolescentes para atividades de exploração sexual. Respeito por pessoas

idosas? Bom isso não existe mais. Corrupção, nas pequenas e nas grandes relações, já não assusta a ninguém.

#### **4 A INDISCIPLINA CHEGOU À ESCOLA: QUE NOVIDADE ESTRANHA!**

A escola não conseguiu ficar imune a esta crise. A desordem também entrou em todos os espaços escolares sem sequer se apresentar ou pedir licença. Mas afinal de contas, tudo isso deveria ser esperando pelos pensadores da educação, visto que “a educação não é algo que acontece num vazio social abstrato”. (CASASSUS, 2002:29). Pelo contrário, o contexto sócio-cultural é de suma importância. Pois conforme MORIN (2002b, p.190) “nos produzimos a sociedade que nos produz”.

O fato é que a desordem chegou à escola, talvez, mais cedo que o esperado pelos pensadores da educação, e os profissionais estão se queixando disso. Ora, se a desordem estava em todos os lugares, por que não no espaço escolar? De certo a desordem sempre esteve na escola, só que reprimida, sufocada, calada, agora não está mais. Aliás, se a desordem ocorre na sociedade, com certeza, ocorre também na instituição escolar, uma vez que a escola é uma das instituições reprodutoras do modelo que está expresso na sociedade (GUARESCHI, 2000).

Mas, como essa crise se expressa na escola? Bom, meninos destroem cadeiras, arrebatam janelas, derrubam portas de banheiros, riscam as paredes, passam líquido corretivo em todos os lugares, gravam, com estiletes, nomes e palavras nos bancos escolares. Muitos atiram pedradas em professoras, ameaçam de morte, ou mesmo dão tiros em sala de aula. Não existe mais o com licença, sentam-se de qualquer jeito, vão de boné para sala de aula, mastigam chiclete. Muitos deles não dão a menor atenção à explicação do conteúdo, falam grosseiramente com os colegas, roubam o lanche dos amigos, destroem cadernos e livros didáticos, pulam o muro da escola, matam aula, se envolvem com drogas, muitas meninas engravidam em plena adolescência, o índice de evasão é alto, a aprendizagem exigida, comumente, é baixa etc.

Toda sorte de desordem está na escola. No entanto, se bem reparada e comparada com a desordem que reina na sociedade, como disse, ironicamente,

VASCONSELLHOS (1998, p. 13) “até que a indisciplina escolar não parece tão grave”.

Mas, o que, na verdade, a instituição escolar quer? Por que reclama, se ela é representante do aparato cultural da sociedade e se a sociedade está completamente bagunçada? Parece que há, pelo menos, três desejos debatendo-se contrariamente dentro dos espaços escolares. Não vamos aqui analisar o fenômeno em termos de jogos de poderes, embora deixemos isso implícito. Mas vejamos: o núcleo gestor quer apenas que ninguém bagunce na escola, o que equivaleria ter executado, ao final do mandato, uma gestão exemplar. O professorado quer apenas dar aula, como sempre acontecia nas salas de ensino, seguindo aqui a lei do menor esforço em diversos sentidos. E o alunado o que quer? Bem, esse grupo é acusado de baderneiro, sem educação, desmotivado, gente que não quer nada, uns sem futuro. Na verdade, bem medido e bem pesado, esse é o que deveria receber a menor parte da culpa. O que quer o alunado? Repetir tudo, como “os seus pais?” receber aulas de cadernos amarelados envelhecidos?

O fato é que os sujeitos ou os atores dos espaços escolares acabam colocando, cada qual, a culpa para um lado oposto. A escola diz que a culpa é da família. A família, por sua vez, diz que a escola não tem mais autoridade. As crianças dizem que só vão para a escola porque as famílias as obrigam e que a escola é uma chatice, que só se ensina coisa sem o menor interesse para vida. “A escola é a única rotina que não vicia”, disse-nos uma criança, não vendo a hora de se ver livre de seu ano letivo.

Não sem motivos os profissionais de educação se queixam, no mundo inteiro, que “(...) os sujeitos da educação já não são mais os mesmos...” (SILVA 2003, p. 13). Por isso, uma coisa temos de admitir: “(...) a sociedade cambiou e, em consequência, a escola deve fazer o mesmo, na mesma direção e sentido, desejavelmente, ao mesmo ritmo (LLAVADOR, 2003, p. 102)”. Se não se transformar, ela vai falir. Bom, talvez não. Mas, não dá mais para considerar os alunos como “(...) uma massa padronizada, sem existir nenhuma diferença qualitativa entre eles (...)” GONZÁLEZ REY, 2005, p. 46).

Paulo FREIRE (2004) já nos disse que serão necessários novos saberes à prática pedagógica. E E. MORIN (2002a) chamou a nossa atenção para a

necessidade da construção de um conhecimento pertinente. Ora, os educadores sabem que ninguém aprende aquilo que não lhe desperta o menor interesse. Aqui precisamos colocar novamente a pergunta: o que querem os educandos? Eles não querem nada ou não querem aquilo que lhes ensinamos? Será que não se encontra nesse intervalo, entre o que eles querem e o que a escola quer lhes ensinar, uma explicação para o comportamento indisciplinado? É bom pensar.

Mas a escola, no geral, parece-nos, não está acompanhando a mudança da sociedade.

O que a escola deseja é a ordem, no sentido antigo da palavra: o retorno à grande disciplina. Como bem notou BOSSA (2002, p. 45) “a escola surgiu como espaço reservado à especificidade do infantil e do controle disciplinar sobre as crianças”. Não é espantoso que haja, ainda hoje, quem continue pedindo a volta à palmatória, à régua nas canelas, ao cale-se que eu tenho razão. Nesse sentido disciplinar significa docilizar, domesticar, resignar, amansar, adestrar, controlar corpos e almas.

Na verdade, como se isso pudesse ainda ser possível, pelas queixas, o professorado diz que gostaria muito de poder apresentar sua matéria sem nenhuma interferência. Quem não gostaria de chegar para dar aula e encontrar boa disposição, bom arranjo, arrumação? Todo educador sonha com tranqüilidade para trabalhar. E alguns querem mesmo a disciplina, no sentido de subordinação, até elogiam aqueles alunos mais mansinhos, tímidos, que nem se movem na sala de aula. Obediência à determinação da autoridade de cada educador e do núcleo gestor.

Muitos professores têm se queixado da ausência daquela diretora forte, assustadora, que botava o pé no corredor e todo mundo ficava em silêncio. Para muitas educadoras formadas, uma boa administração escolar envolveria, entre outras coisas, um controle do alunado. Há professor que não resolve um só problema em sala de aula, esse tipo não passa uma semana sem mandar alunos para secretaria.

Está todo mundo querendo uma disciplina, uma ordem. O que ninguém ousa é se perguntar qual seria o modelo ideal de disciplina para a instituição escolar contemporânea. Será que a disciplina religiosa, no modelo monástico daria jeito? Orar e trabalhar? Será que uma disciplina pautada em princípios democráticos

surtiria efeito? Convencer pelos argumentos? Quando olhamos o desejo do professorado, implícito ou explícito, seja nas reuniões ou nas conversas na sala dos professores, nós entendemos que o desejo de disciplina que eles mais têm em mente é o modelo militar, em outras palavras: cale-se e obedeça sem questionar. Manda quem pode e obedece quem tem juízo. Por isso, como no modelo antigo, continuam tratando a indisciplina com métodos aversivos: ameaças verbais, suspensão, broncas, envio à diretoria, humilhação na frente dos colegas, rebaixamento de nota, toda sorte de punição. Não surte efeito.

Quando consultamos um dicionário encontramos que disciplina significa, necessariamente: Regime de ordem imposta ou livremente consentida. Ordem que convém ao bom funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc.). Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. Observância de preceitos ou normas. Submissão a um regulamento. Bem, nós educadores sabemos que esse modelo não funciona mais. E se funcionar, o preço a ser pago será tão alto que o melhor mesmo seria se ver livre dele. É preciso encontrar novos caminhos.

O que a maioria dos professores não consegue admitir, talvez até por não saber é que a noção de ordem contém a própria noção de desordem. Ou, como disse MORIN (2002b, p. 219) “(...) a organização viva tolera a desordem, produz a desordem, combate esse desordem e se regenera no próprio processo que tolera, produz e combate a desordem”. A desordem é inerente ao ser vivo. Portanto precisa ser considerada de modo positivo.

## **5 A POSITIVIDADE DA INDISCIPLINA**

A escola deveria ser o lugar da desordem plena, se é que vamos conseguir argumentar em favor de uma positividade da desordem. Nesse sentido, a indisciplina escolar, enquanto desordem, precisa ser considerada com bons olhos, uma vez que ela representa um sinal a ser lido, ou como quer a psicanálise: um sintoma a ser interpretado. Aliás, não dar para enfrentar a desordem, manifesta em todos os lugares da sociedade, de forma frontal, achando que tudo nela é negativo. Pois ela aponta para uma complexidade que necessita ser considerada de modo interdisciplinar.

Conforme MORIN (2002b) na noção de ordem estão presentes as idéias de determinismo, determinação, estabilidade, constância, regularidade, repetição, estrutura. O que com outro olhar vamos entender que a noção de ordem também precisa ser vista de forma complexa, pois a noção de estrutura comporta a noção de organização, que por sua vez comporta a idéia de sistema e a idéia de sistema pressupõe e a idéia de interação. “Enfim hoje a idéia de ordem está ligada à idéia de interações” (MORIN, 2002b, p. 198). Agora vem a pergunta: existe acaso idéia de interação sem movimento? Portanto, a idéia de ordem vai desembocar, por outros caminhos, na idéia de desordem. É claro que tudo isso não pode ser visto sem seu caráter positivo, pois para esse mesmo autor “a desordem coopera na geração da ordem organizacional” (p. 200).

Convém aqui perguntar: já experimentou deixar seus alunos ou seus jovens se organizarem a seu próprio modo? Já lhes deu uma liberdade responsável? Já provocou sua criatividade? A maioria do professorado tem observado que quando seus alunos se juntam para apresentação de seminários, de feiras culturais, ou de amostras científicas, eles mostram-se capazes de uma enorme superação que surpreendem a própria escola. De cara, tudo parece um caos. Mas aos poucos, as coisas vão se organizando. É claro que aqui não estamos, de forma alguma, negando a importância da supervisão do do adulto. Mas estamos dizendo que ele não pode tolher a criatividade. Por isso concordamos com a defesa de MORIN (2002b, p.216) quando acredita que “(...) a ordem, a desordem e a organização se desenvolvem juntas, conflitual e cooperativamente e, de qualquer modo, inseparavelmente”. Por isso, a desordem não pára extasiada em si mesma e nem pressupõe a ordem, a rigidez, o engessamento, mas a organização.

Se olharmos a vida humana com os critérios de ordem vamos nos espantar. A vida humana não é tão ajeitadinha assim. Aliás, se aceitamos a idéia de que a vida veio de uma grande explosão, ou Big Bang, vamos entender que foi preciso a desordem, a desarrumação para que a vida surgisse. A vida humana é um caos. A sociedade humana é caótica. Todos os dias necessitamos estabelecer uma rotina para que a ordem mínima seja conseguida. E aqui a rotina não é apenas ordem, mas é organização. O transito criou a sinalização para facilitar a circulação dos veículos, os aeroportos estabeleceram radares de configurações das entradas e saídas para distribuir os horários de chegadas e partidas das aeronaves e assim por

diante. A vida e a experiência humanas não são ordenadas rigidamente. Elas são mesmo caóticas, por isso pressupõem a organização.

Na idéia de desordem de MORIN (2002b) estão presentes as agitações, as dispersões, as colisões, as irregularidades, as instabilidades, os desvios, as perturbações, as incertezas e transformações, os choques, os encontros aleatórios, os acidentes, as desorganizações, as desintegrações, os ruídos, os erros, os novos arranjos, a imprevisibilidade ou a relativa indeterminabilidade. Se observarmos com calma, a maioria das palavras que Morin utiliza para deslindar o que ele entende por desordem, vamos observar que a maioria das expressões trazem conteúdos positivos e apontam sempre para novas soluções.

Assim sendo, a desordem é, antes de tudo um convite à abertura, à criatividade, à inventividade, ao novo espírito científico. O próprio MORIN (2002b, p 206) acredita que “o trabalho com a incerteza incita ao pensamento complexo”.

Alias não existe criação num ambiente engessado. “(...) a criatividade não ocorre sob a forma de caminhos lineares e hierárquicos, mas por rupturas caóticas desiguais (...)” Ou seja, “(...) a criatividade se situa na desintegração organizacional ou na anarquia (BRUNO-FARIA, 2005, p. 157). “A ordem demais asfixia a possibilidade de ação” (MORIN, 2002b, P. 221). A pergunta que precisamos fazer é a seguinte: será que a professora não poderia olhar melhor o que move a desordem em sala de aula? Qual o significado da indisciplina escolar? O que paira no ar, qual é o clima, as exigências da desordem e indisciplina na escola?

Existem dois tipos básicos de indisciplina: uma indisciplina ativa, e outra passiva. Ambas são sem ordem. A primeira é rebelde, visível, barulhenta, chocante, provoca a autoridade. A segunda forma nunca é percebida. Pois ela é silenciosa, amorfa, indiferente, mas não menos inteligente. O professor geralmente não nota a presença dela em sala de aula, mas ela coroe e questiona o espaço da autoridade imposta. Quando um menino se torna indiferente, mesmo não dando trabalho, mesmo não incomodando, ele assim pode está manifestando, a seu modo, seu mau gosto por aquele tipo de ordem estabelecida.

Já foi dito que a desordem invade todos os espaços do universo, tanto do cosmos, quanto das sociedades. Parece-nos, porém, que a indisciplina não invade todos os lugares da instituição escolar. Ou, melhor dizendo, em alguns lugares ela se organiza melhor, mais rápido e tem, parece-nos, maior aceitação. Por que é que

geralmente o professor de educação física e o de arte não se queixam de indisciplina tanto quando o de outras matérias? Quando um professor de educação física falta, os alunos brigam, vão à sala do núcleo gestor exigir o cumprimento do horário. Quando um professor de outra disciplina falta é uma alegria imensa e todo mundo reivindica o direito de sair mais cedo. Por que nem todos os professores se queixam de alunos bagunceiros? Por que alguns alunos são extremamente criativos com uns professores e com outros são apáticos? Por que salas inteiras são um terror para uma professora X e não são a mesma coisa para a professora Y? É bom pensar...

## **6 ESTRATÉGIAS PARA O ENFRENTAMENTO DA QUESTÃO**

Bem, o problema da indisciplina existe é concreto. De qualquer forma, a indisciplina é o representante da desordem da sociedade na escola. Cabe agora a nós reconhecer que o problema é nosso e pega-lo, estrategicamente, sem medo. Certamente, o profissional de educação vai ainda ter de se perguntar muitas vezes: o que é que a desordem quer dizer? O que a indisciplina representa? Sem dúvida, ela é um sintoma contemporâneo da educação. Um sintoma tem sempre algo a comunicar e é sempre algo muito bem escolhido (BOSSA, 2002, FERNANDES, 1991).

Portanto, uma avaliação vai ser necessária em quatro direções: a institucional, a prática profissional, as relações familiares e as vivências individuais e coletivas.

Será que a escola oferece espaço adequado para o desenvolvimento do alunado? Nós sabemos que o espaço escolar, de modo especial o espaço público, é extremamente carente em termos materiais. A maioria do professorado só tem à sua disposição o giz e o quadro verde. Fora da sala de aula, a maioria do alunado tem acesso à rede mundial de computadores, na escola não ou não na proporção de seu desejo.

Parece-nos que a maioria do alunado gosta da escola, gosta de muitos dos professores, mesmo considerando que o ensino é enfadonho.

Da parte da família, o que poderia ser pensado, que envolvimento seria necessário? Muitos pais não demonstram o menor interesse pelo saber que é

desenvolvido na escola. Isso se expressa na participação irregular nas questões que dizem respeito ao ensino público, às reuniões de pais e mestres e a participação nos conselhos escolares, etc. Mas, por outro lado, é claro que os pais sempre quererão o melhor para seus filhos.

A indisciplina é também uma questão que deve tocar profundamente o professorado e os demais profissionais de educação. Em temos profissionais: será que nós, se fossemos alunos, gostaríamos de participar das aulas que ministramos? Como está a nossa didática? São aulas preparadas? Que recursos audiovisuais a instituição nos oferece e como os usamos? Com o que podemos contar? A maioria de nossas aulas tem apenas dois momentos: entrada e saída, abrir e fechar o livro, escrever e apagar o quadro, dar aula e aplicar a prova, sentar e levantar. O próprio formato de nossas salas continua enfileirado. Didaticamente, não há como privilegiar a produção de singularidades. Aqui cabe, como bem nos recordou MORIN (2002a, p. 58) que “o ser humano não vive só de racionalidade e técnica”. É preciso então considerar outras necessidades humanas no percurso de ensino e aprendizagem.

Se perguntarmos aos professores o que foi que eles leram de recente em seus respectivos campos de saberes ou em qualquer outra direção, a maioria vai dizer que não leu nada de novo, embora até saiba de publicação recente. Muitos professores têm assegurado que as folhas amarelas dos blocos de aulas do passado sumiram; contudo, essa não é a verdade completa. Elas estão, por vezes invisíveis, nas idéias e conteúdos desbotados que transmitimos, ao “repassarmos” nossos conhecimentos.

Nesse momento, seria bom não esquecer que o objeto do trabalho dos profissionais de educação não é o caderno, o livro, o giz, ou material didático. “O objeto do trabalho dos professores são os seres humanos individualizados, socializados ao mesmo tempo” (TARDIF, 2003, p. 128). Por isso mesmo precisamos estar atentos à complexidade que isso acarreta, inclusive eticamente.

Por fim, acreditamos ser necessário, para não perdemos as esperanças, pensar como F. GUATTARI (1998b, p. 175) que “uma nova ordem objetiva mutante pode nascer do caos atual de nossas cidades e também uma nova poesia, uma nova arte de viver”. Escutar os atores envolvidos nesse processo só pode ser uma saída, no mínimo, interessante.

## **INDISCIPLINE: Considerations on the complexity of order and disorder in contemporary school**

**ABSTRACT:** In this article, my comments are directed to the issue of school discipline, recognizing it as a social concern. I believe that indiscipline, although here only seen within the school, is part of a building model that contemporary cultural underprivileged and questions any paradigm established orders. I understand that children and adolescents, through undisciplined acts, actively or passively resist or rebel against many of the institutional knowledge taught. I take the theoretical complexity of E. Morin, recognizing that in the chaos and disorder there are possibilities for growth that reveal positive aspects usable. I think that indiscipline, interpreted from their complexity, points to the novelty, and its acceptance depends on the intellectual openness of who assumes the leadership of the educational process.

Key Words: Order, disorder, complexity, lack of discipline, school.

## **REFERÊNCIAS**

ARAÚJO, E. **O teatro dos vícios: transgressão e transigência na sociedade urbana colonial**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1997.

BOSSA, N. A. **O fracasso escolar: um olhar psicopedagógico**. São Paulo: Artmed, 2002.

BRUNO-FARIA, M. F. Contribuições da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa para a compreensão do Processo Criativo no Contexto Organizacional. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.). **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005. 155-189.

CASASSUS, J. **A escola e a desigualdade**. Trad. Lia Zatz. Brasília: Plano Editora, 2002.

CASSORLA, Roosevelt M. S. Comportamentos Suicidas na Infância e na Adolescência. In: CASSORLA, Roosevelt M. S. (Coord.). **Do suicídio: estudos brasileiros**. 2. ed. Campinas – SP: Papyrus, 1998.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Trad. Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 30. ed. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GANDIN, D. **A Prática do Planejamento participativo na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos culturais, social, político, religioso e governamental**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, F. O valor heurístico da subjetividade na investigação psicológica. In: GONZÁLEZ REY, F. (Org.) **Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005, p. 27-51.

GUARESCHI, P. **Sociologia crítica**: alternativas de mudança. 49. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

GUATTARI, F. **As Três Ecologias**. 7. ed. Trad. Maria C. F. Bittencourt. Campinas – SP: Papyrus, 1998a.

GUATTARI, F. **COSMOSE**: um novo paradigma estético. Trad. A. L. de Oliveira e L. C. Leão. São Paulo: Ed. 34, 1998b.

GUATTARI, F & ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografia do desejo. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

IANNI, O. **A sociedade global**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LLAVADOR, F. B. Organizacion postfordista y régimen de producción de los nuevos sujetos docentes. In: FERREIRA, N. S. C. (Org.). **A gestão da educação na sociedade mundializada por uma nova cidadania**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2003.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 5. ed. Trad. Catarina. E. F. da Silva e J. Sawaya. São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2002a.  
\_\_\_\_\_. **Ciência com Consciência**. 6. ed. Trad. Maria D. Alexandre e M. Alice S. Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

SILVA, T. T. Monstros, Ciborques e Clones: Os fantasmas da Pedagogia Crítica. In: SILVA, T. T. (Org. e Trad.) **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da Confusão de Fronteiras. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

TURNER, V. W. **O processo ritual**: Estrutura e anti-estrutura. Trad. Nancy C. de Castro. Petrópolis – RJ: Vozes, 1974.

VASCONSELLOS, Celso dos S. **Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 9. ed. São Paulo: Libertad, 1998.

\*Recebido em março de 2012.

\*Aprovado em maio de 2012.